

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Caio Oliveira – Universidade Tuiuti do Paraná
e-mail: caaiomsoliveira@gmail.com

Clara Eliana Cuevas – Colégio de México
e-mail: clarita.cuevas@gmail.com

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

RESUMO

Neste artigo analisamos algumas composições de Karol Conka em diálogo com produções teóricas referentes ao empoderamento feminino e a resistência ao racismo. Para auxiliar nossa análise, utilizamos conceitos problematizados por Judith Butler em Problemas de Gênero e de Sueli Carneiro em Mulheres em Movimento. Desta forma, propomos uma reflexão inicial sobre a presença do feminismo e dos debates entre gênero e raça que podem ser encontrados em músicas de Conka, de forma a pensar como estas subjetividades formam parte da cultura musical do RAP feminino paranaense.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; RAP; Feminismo.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

INTRODUÇÃO

O RAP (*rhythm and poetry*) ou seja ritmo e poesia, surge na Jamaica na década de 1960, chegando aos Estados Unidos no começo dos anos 1970 sendo levado pelos jamaicanos, especificamente para os bairros pobres de Nova Iorque.

Com seu impulso em meio a jovens de origem negra e espanhola e sua batida rápida e acelerada a letra se molda em forma de discurso, cheia de informação e pouca melodia, como o sample (não utilizando apenas no RAP como em outros gêneros músicas em artistas como Beyoncé, Drake entre outros.) que é a amostra de sons, sendo eles trechos ou partes inteiras de músicas já existentes, vindo da Jamaica e chegando aos EUA nos anos 1970 teve um marco importante com o nascimento do RAP, que acabaram usufruindo de artistas de décadas anteriores para usar bases (sample) de grandes clássicos da música que depois acabando se acoplando as rimas.

Geralmente utilizada para lançar várias críticas, a maioria debatendo as dificuldades de moradores de bairros pobres, como por exemplo, a desigualdade social, racismo e violência urbana. O RAP faz parte do movimento Hip-Hop, composto pela música (RAP), a dança (break) e o grafite (arte visual), neste artigo tratarei apenas do RAP.

Os produtores e compositores de RAP buscam utilizar o estilo musical para orientar os jovens a pensar de maneira crítica e reflexiva assim tornou-se desde a década de 1970 uma possibilidade de luta étnica, possuindo o poder de informar, debater, organizar e articular assuntos e pautas sobre a luta do movimento negro e da desigualdade social, não apenas nos EUA, mas visibilizando para o mundo.

Os assuntos são diversos, mas sempre pautados ao sofrimento do negro em grande parte de uma sociedade de elite branca, aonde são relatadas suas críticas, sofrimentos, preconceitos e transportados em forma de mensagem para as letras, que são geralmente carregadas de sentimentos de ódio e raiva, utilizando de expressões corporais como a firmeza física, de vozes grossas e rostos sérios.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

No Brasil, o RAP aparece em 1986 na cidade de São Paulo, logo na Década de 1990 começa a ganhar espaço em rádios e na indústria fonográfica brasileira. Impulsionado em várias partes do Brasil, com o tempo foi crescendo e desafiando os preconceitos impostos pela sociedade¹.

Saindo da periferia para chegar ao grande público, acabou gerando grandes nomes ao decorrer dessa história do RAP nacional, a maioria masculina: Racionais MCs, Gabriel O pensador, Detentos do RAP, Sabotage, MV Bill, D2 entre outros.

Mas, e onde estão as mulheres? Com a grande dispersão do RAP no Brasil (e no mundo) as mulheres não tinham tanto espaço num estilo onde predominavam homens. Em 2001 Karoline dos Santos de Oliveira se lança no mundo do RAP com um EP intitulado *Karol Conka*. Repletas de músicas com produções de Nave², Nel Sentimentum³ e Cabes⁴, 11 anos depois ela lança seu primeiro álbum de estúdio, o *Batuk Freak*, com sua produção também por Nave e Conka.

Uma mulher em um meio tão machista quanto o RAP, que pouco espaço concedia às cantoras, produtoras e DJs femininas, teve que se adaptar ao meio no qual estava inserida. Durante vários anos as mulheres lutam por seus direitos, com vários movimentos feministas levantando a “bandeira” e tendo maior foco na sociedade.

O RAP é utilizado por determinadas cantoras para vir a ser um discurso em favor a essa luta, logo, tanto Karol Conka como outras rappers brasileiras tratam de assuntos como empoderamento⁵ feminino e violência contra a mulher.

¹ A Sociedade lidava com mudanças, movimentos sociais identitários que se fortaleceram durante os anos 1990, como o Movimento de Mulheres, o Movimento LGBT, o Movimento Negro, Movimento Indígena entre outros.

² Vinicius Nave, AKA Nave Beatz, é um dos maiores produtores da história do rap nacional.

³ Nel Sentimentum produtor, 26 anos de idade e nascido em Londrina, produzindo rap há mais de 10 de anos no mercado fonográfico.

⁴ MC, beatmaker, produtor musical e coordenador do selo Track Cheio. Tem três discos solos lançados: Todo Dia É Assim (2009), Pra Onde As Pessoas Vão (2011) e Revolução Constante, Evolução Permanente (EP) (2013).

⁵ Empoderamento é a capacidade de um indivíduo de provocar em si mesmo as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer, viver a vida por sua escolha, não por pressão social.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Conka ainda continua a desenvolver e instigar seus ouvintes com músicas fortes, e cheias de empoderamento, mas como Karol Conka se insere no debate do feminismo dentro do RAP? O que ela debate? O que ela defende com esse “feminismo”? Qual a questão do gênero dentro do RAP?. Neste artigo trataremos sobre questões de gênero⁶, fundamentando nossa análise, com as músicas *100% feminista*, música em participação com a MC Carol, *Você não vai* e *Marias*. Desta maneira pretendemos compreender como o feminismo⁷ vem crescendo dentro dessa vertente, moldando o RAP nacional, com base nas músicas da paranaense Conka e sua representação social como mulher dentro do RAP.

GÊNERO E O RAP NACIONAL

Nos dias atuais conseguimos acompanhar vários passos das mulheres num convívio social, suas lutas diárias para conseguir direitos é algo que perdura durante anos⁸, e sua voz começa a ganhar força cada vez mais e acaba ampliando os movimentos feministas, logo no cenário musical do RAP continuam a se desenvolver, principalmente o debate sobre feminismo ou a mulher diante da crítica nesse gênero vem crescendo e tendo mais visibilidade com o desenvolvimento da internet, assim ganhando espaço diante dos telespectadores.

O Movimento Feminista Brasileiro se consagrou como um dos mais respeitados do mundo, enfatizando sua potência na Constituição de 1988, aonde teve seu espaço para a criação de políticas

⁶ Nesse respeito Joan Scott acentua que: gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual na relação entre os homens e as mulheres, entre o feminino e o masculino.

⁷ Doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade.

⁸ Alguns desses direitos como a conquista do direito ao voto, estabelecido pela Constituição Federal em 1932, as mulheres passaram a ocupar maior espaço no eleitorado do País, a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) contra a violência contra a mulher e também Lei do Feminicídio, por exemplo, sancionada em 2015, colocou a morte de mulheres no rol de crimes hediondos e diminuiu a tolerância penal nesses casos.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

públicas para as mulheres. Sobre esta questão, a pesquisadora Sueli Carneiro⁹ aponta que:

Destaca-se, nesse cenário, a criação dos Conselhos da Condição Feminina órgãos voltados para o desenho de políticas públicas de promoção da igualdade de gênero e combate à discriminação contra as mulheres. (CARNEIRO, 2003, p. 117).

Nesse contexto com as conquistas das mulheres, o RAP começa a fazer parte do cotidiano das periferias brasileiras, com uma grande quantidade de homens neste estilo musical não apenas no Brasil, mas no mundo, que sempre foi superior ao número das mulheres. Com grandes conquistas nesse espaço, geralmente o conteúdo das letras desenvolvidas pelos homens é diferente do das músicas feitas por elas. Dentre os vários temas tratados pelas mulheres, existe o “rap florido”, com letras que costumam tratar de temas como o amor e festas com as amigas. Segundo a socióloga Sandra Pereira dos Santos:

Um dos significados que compõe o rap florido são noções de amor entre homens e mulheres. Esta modalidade de rap aparece nas letras, depoimentos entre outros, associada à representação de feminilidades. André Lázaro (1996) afirma que um discurso amoroso direcionado especialmente às mulheres desenvolve-se no século XII sob as ideias da nobreza cavaleiresca, passando a influenciar o amor romântico moderno. (PEREIRA, 2015, p.6)

Porém, há também aquelas que falam sobre política e protestos sociais o “rap de protesto”: “o rap de protesto divulga conteúdos que têm como objetivo educar ou conscientizar os jovens de periferia” (PEREIRA, 2015, p. 6), assim não apenas utilizado pelos homens mas o “rap de protesto” passa a ser um dos temas que as mulheres acabam trabalhando em suas criações assim encontrando no RAP um espaço para adentrar ao debate sobre a desigualdade de gênero.

Geralmente associados a sentimentos de raiva e ódio são compostas pela agressividade em

⁹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – primeira organização negra e feminista independente de São Paulo. Teórica da questão da mulher negra criou o único programa brasileiro de orientação na área de saúde física e mental específico para mulheres negras, onde mais de trinta mulheres são atendidas semanalmente por psicólogos e assistentes sociais.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

suas músicas, logo a agressividade e outras emoções similares são compostas pelos significados construídos na identidade masculina, que logo é um ideal voltado ao homem, por outro lado, para as mulheres se adentrarem a esta possibilidade de expressão no RAP, acabavam utilizando o tom de raiva para cantar, mas tiveram que passar por preconceitos de gênero, porém esse rap romântico como citado nos parágrafos anteriores pode ser encontrado também em alguns cantores de RAP como Ndee Naldinho em Sem Você Eu Não Sou Nada¹⁰.

Gênero é uma categoria que vem sendo estudada desde a década de 1970, e já conta com grandes escritoras e teóricas como Gayle Rubin, Joan Scott, Heleieth Saffioti, entre outras. Neste período havia muitos debates para a definição do que seria uma mulher e qual era seu significado, consequentemente várias críticas a algumas análises sobre gênero foram debatidas durante as seguintes décadas, quando nos anos 1980, com o surgimento de novos movimentos feministas tentando encontrar a “mulher” a ser representada, para Judith Butler uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. (BUTLER, 2003, p.26).

Portanto a definição “mulher” não seria uma categoria estável, em outras palavras, para Butler se tem “muito material” simplificando, muita diversidade entre as mulheres assim questionando o conceito de mulher única como o sujeito do feminismo. Ela utiliza Foucault¹¹ para teorizar a forma como se constituiu a categoria “mulher”. Neste sentido, ainda que o autor francês nunca tenha trabalhado especificamente as diferenças sexuais entre homens e mulheres, sua produção teórica é importante para os estudos de gênero, na medida em que Foucault aponta que os sistemas

¹⁰ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/ndee-naldinho/sem-voce-eu-nao-sou-nada.html>>

¹¹ Foucault tratou de temas como loucura, sexualidade, disciplina, poder e punição, hoje vistos em várias áreas do conhecimento.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

jurídicos de poder e saber produzem os sujeitos que subsequentemente vão representar.

Butler analisa um esgotamento do movimento feminista em relacionar a mulher como a “mulher universal” que se imaginava desde os anos 1950, concluindo que não se poderia falar em um só “sujeito mulher”, pois nessa categoria não existia apenas um modo de ser “mulher”, portanto, dentre a diversidade das experiências de “ser mulher”, podemos encontrar que existem mulheres brancas, negras, pardas, indígenas, lésbicas, ricas, pobres, enfim, uma infinidade de subjetividades.

Simone de Beauvoir outro grande nome para o estudo de gênero, nos diz: “o gênero é construído”, mas há um agente implicado em sua formulação, um cogito que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro.

Butler, crítica dessa visão de gênero para o movimento feminista, chama atenção pela não problematização de um vínculo considerado natural: Gênero e desejo. Em sua obra, afirma que “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25). Indicando, portanto, que o sexo não é natural, sendo ele também discursivo e cultural como o gênero.

Esse debate pode ser introduzido dentro do RAP desde a chegada ao Brasil das décadas de 1980 e 1990, contexto no qual as mulheres que se interessavam pelo ritmo tiveram que lutar para se estabelecer nesse meio musical que tem um conteúdo machista, lutando com a desigualdade de gênero.

Na visão da rapper Karol Conka, em uma entrevista para a Folha de São Paulo, respondendo à pergunta “O rap ainda é machista?”:

Era machista a ponto de as mulheres terem de se vestir de homem para poder chegar, senão era tirada de vagabunda. Hoje, não é mais assim. Apesar de algumas meninas discordarem, ainda tem o machismo, ele está maquiado. O que a gente pode fazer? Música, videoclipe, trabalhar sem cansar e sem dar muito moral para isso. (CONKA, 2014).

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Mas desde a década de 1980 o espaço para as mulheres é construído com significados sociais que visam expressar suas vivências, questionamentos e suas críticas, e principalmente a valorização da mulher no feminismo¹² tendo seu movimento com grandes focos, com o que chamam de “ondas do feminismo”. Estas classificações sobre os movimentos de mulheres marcaram essa trajetória dividindo-a em três principais ondas: a primeira no final do século XIX chegando até a segunda Guerra Mundial, a segunda onda que é marcada pelo “O segundo Sexo”¹³ obra de Simone Beauvoir que debate esse conceito em si, e a terceira que se passa em 1980 que se torna como uma resposta às supostas falhas da segunda onda, e também como uma retaliação à iniciativas e movimentos criados pela segunda onda, onde Butler está inserida.

O feminismo hegemônico, como alguns outros movimentos sociais, ignorou durante algum tempo a visão do negro como “sujeito”, no caso a mulher negra sendo ignorada ou menosprezada deixando claro a divisão e o pensamento eurocêntrico e branco que persistiu ao decorrer de certa parte do movimento ao passar dos anos. De acordo com filósofa Sueli Carneiro:

O feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (CARNEIRO, 2003. p. 118).

O crescimento do RAP feminino nacional são perceptíveis nos últimos anos, com suas rimas sobre empoderamento feminino e sobre a violência contra a mulher, principalmente a mulher

¹² Doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade.

¹³ Lancei-me numa aventura imprudente, quando comecei a falar em mim; começasse; não se acaba mais. Meus vinte primeiros anos há muito que os desejava contar; nunca esqueci os apelos que dirigia, na adolescência, à mulher na qual me iria fundir, em corpo e alma. Nada ficaria de mim, nem mesmo uma pitada de cinzas; rogava-lhe que me arrancasse um dia desse vazio em que me houvesse mergulhado. Talvez meus livros não tenham sido escritos senão para atender a essa antiga prece. Aos cinquenta anos julguei que chegara o momento; emprestei minha consciência à criança, à jovem abandonada no fundo do tempo perdido e com ele perdida. Fiz com que existissem em preto e branco no papel. (BEAUVOIR, FA I, 1961, p. 5)

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

negra, já que o RAP tratou, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, historicamente do problema racial, dando mais possibilidade de expressão às mulheres negras, pois com esta identidade racial e de gênero puderam se adaptar com mais “facilidade” que em outros meios de predominância branca, já que a existência de brancos no RAP começa a ser mais visível apenas em 2000.

A cultura hip hop¹⁴ na periferia foi o maior esforço civilizatório dos últimos 30 anos para o empoderamento do periférico, o mestrando do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP Guilherme Botelho comenta que o rap passou a ter um caráter importante para a população, após a sua saída das malhas da indústria fonográfica, parando de ser um produto comercial, meramente, e ganhando outra função, além disso, que é poder educar a periferia, levar novas perspectivas, como o debate sobre questões étnicas regionais e globais.

Vários nomes se mostraram importantes para o caminho do rap feminino brasileiro, nos EUA, por exemplo, uma grande onda de mulheres desde a década de 2000 vem se destacando no rap estadunidense, Queen Latifah um ícone dos anos 1980, Nicki Minaj, Lil kim, Iggy Azelea, Cardi B grandes nomes da era 2000. Mas, e no Brasil?

Com esse movimento, as mulheres tiveram grande participação efetivamente na mídia há pouco tempo, portanto, com a internet ampliando a criação de conteúdo, somando-se o movimento feminista geram um grande impulso.

Alguns nomes do RAP nacional tiveram seu destaque desde a década de 80, Negra Li iniciou sua carreira musical com o grupo de rap RZO, em seguida iniciou parceria com o rapper

¹⁴ Indústria fonográfica criou um sub-gênero também chamado Hip Hop e que nós brasileiros costumamos chamar de Black. E esse gênero musical surgiu a partir de cantores e cantoras que nasceram dentro da cultura Hip Hop mas, ao invés de rimar, eles cantavam (como na música Pop) e também mudaram muito a batida tradicional do Rap. Em geral eles possuem letras mais comerciais, mesmo que estejam envolvidos nas mesmas causas que os grupos de rap: contra o racismo, contra a violência policial, etc. É a diferença entre intérpretes como Jay-Z, Lil Wayne, Lauryn Hill (todos do Rap), para intérpretes como Beyoncé, Rihanna e Jason Derulo (que se dizem desse gênero Hip-Hop). Disponível em <<http://www.zonasuburbana.com.br/rap-a-primeira-batida-qual-a-diferenca-entre-rap-e-hip-hop/>> acesso em 02 Jun. 2018.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Helião, e atualmente a cantora está em carreira solo. Lívia Cruz, uma das principais expoentes da presença feminina no hip-hop brasileiro, Dina Di vocalista do grupo Visão de Rua, considerada a primeira mulher a alcançar sucesso no rap brasileiro, Flora matos que foi um dos destaques dos últimos tempos quando recebeu o prêmio de melhor cantora do ano em Brasília, todas com suas críticas e vivências colocadas em seus versos, e um dos maiores destaques atualmente do rap atual Karoline dos Santos de Oliveira.

“O GRITO TEM QUE SER POTENTE”

Como a cantora aqui analisada possui uma discografia extensa, utilizaremos alguns versos de músicas para podermos refletir sobre como Karol Conka se posiciona sobre o feminismo, pensando de que forma temas como empoderamento negro e feminino, e a discriminação são utilizados para suas críticas sociais. Sobre essas representatividades em entrevista ao site estadão:

A representatividade diminui traumas, suicídios, depressão. A gente é mais feliz quando se aceita. Quando tem um artista falando de aceitação, fica mais fácil se identificar. Aí você desliga a televisão, em que está passando uma pessoa padrão, e vai para a internet encontrar a pessoa que fala o que você quer ouvir, não importa a cor da sua pele ou status social. O que importa é você se sentir bem e não fazer mal a ninguém. (CONKA, 2016)

Com suas rimas fortes e cheias de informação, a forma de representação, principalmente para mulheres negras que no Brasil sofrem, além de preconceitos, violência doméstica (um dos principais problemas das mulheres em si), não foge das rimas de Karol Conka. Em sua música em parceria com MC Carol:

MC Carol - 100% Feminista (feat. Karol Conka)¹⁵

Mais respeito

Sou mulher destemida

¹⁵ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/mc-carol/100-feminista.html>>

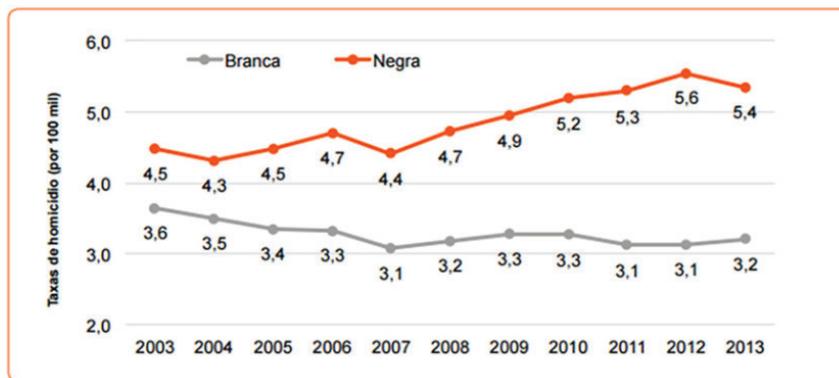
O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso
Então toma esse dueto

Sua representatividade mostrada já em seu primeiro verso cantando, em uma forma de chegar para acabar com preconceitos e batendo de frente com pesos grandes do RAP nacional, ela deixa claro que vem da classe baixa, sinalizando a luta do seu dia a dia.

A música retrata algo que está na sociedade brasileira, analisando os fatos de que a mulher negra ainda continua sendo inferiorizada, vista como secundária e subalterna, continua assim sendo invisível, além da desigualdade de gênero que o sujeito “mulher” sofre, a mulher negra ainda enfrenta outros obstáculos. Como veremos, mediante este gráfico podemos analisar o mapa de violência em relação às mulheres brancas e negras no Brasil.

FIGURA 1



Fonte: Mapa da violência, 2015. Homicídio de mulheres no Brasil. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

No quadro acima podemos concluir que a taxa de homicídios de mulheres brancas caiu 13% de 2003 a 2013 (1,3% ano), já os homicídios de mulheres negras aumentaram em 20% (2%

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

ao ano) no mesmo período, mesmo com a lei Maria da Penha sendo criada como foco de proteger as mulheres vítimas de violência sendo sancionada em 2006. Sobre este tema Sueli Carneiro fala sobre a violência contra as mulheres negras:

há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima. (CARNEIRO, 2003. p.122)

No tópico da violência, as mulheres negras realçaram outra dimensão do problema, lembrando que além da violência doméstica e sexual que atingem todas as mulheres de grupos raciais e classes sociais, sofrem com o problema do racismo.

Em relação a essas diferentes subjetividades que cruzam as vidas das mulheres, na visão de Judith Butler o problema de encarar o feminismo como algo universal de lutas comuns, é considerar que a ideia de identidade das mulheres é a mesma nas diferentes culturas e estruturas políticas, assim o feminismo não seria mulher no singular e sim no plural, criticando o feminismo por construir uma base única e permanente.

Voltemos às letras de Karol Conka:

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer eu vou ser diferente
Desde pequenas aprendemos
Que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida o grito tem que ser potente

Karol Conka e MC Carol trazem em *100% Feminista* sua crítica a violência contra a mulher negra, relatando também “*Desde pequenas aprendem Que silêncio não soluciona*”. Em entrevista ao site do R7 “Virgula” ela explica sobre a violência doméstica dentro da família:

As mulheres não denunciam porque é muito chato, tão chato quanto ser agredida. A Justiça não funciona direito nesse país. Quando você vai à delegacia, muitas vezes é constrangedor. Infelizmente, homens protegem homens, sim. Alguns acham que é culpa da vítima. Isso não existe! Na minha família, tem história de pai que estuprou filha. Minha mãe já foi violentada pelo meu pai porque ele estava bêbado e ela não queria transar. Isso é muito sério, por isso a minha revolta. Quando a gente é mais louca que o louco, eles abaixam a cabeça. As mulheres têm o direito de fala, de se defender (CONKA, 2012).

Em *Marias*, música lançada em 2001 em seu primeiro projeto autônomo, Conka traz relatos sobre como há a representação da mulher nas mídias e no imaginário brasileiro:

MARIAS¹⁶

No país rico de beleza misturado com pobreza
Meninas se fantasiam negando suas naturezas
Cobertas de incertezas com medo se sentem presas
Escondem a esperteza sonhando com a realeza
A mocinha quer saber por que ainda ninguém lhe quer
Se é porque a pele é preta ou se ainda não virou mulher
Ela procura entender porque essa desilusão
Pois quando alisa o seu cabelo não vê a solução

¹⁶ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/karol-conka/marias.html>>

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

A negação da cor é algo presente em alguns imaginários quando entra num assunto sobre “identidade negra”, ao sofrer preconceitos ao decorrer da vida, a identidade negra ainda é tratada como diferente aonde num país onde metade da população é negra, a mídia com suas atrizes brancas de olhos azuis e outras variedades mestiças embranquecidas, cria esses estereótipos. Sobre isso, Sueli Carneiro afirma que:

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. (CARNEIRO, 2003, p.125)

Logo, as mídias hoje em dia ainda enaltecem essa visão eurocêntrica da mulher branca, assim a presença minoritária das mulheres negras na mídia tem como seu papel categorias específicas, levando em conta que a representação negra na mídia geralmente são papéis de mulata, empregadas domésticas ou escravas isso pode ser visto na crítica do verso “*Se decepcionando com o reflexo do espelho E querendo o mesmo visual dourado da modelo*” onde a visão de “beleza perfeita” (considerada a branca) é reforçada por estes mesmos estereótipos.

Neste sentido, Conka explica sobre a canção em entrevista a Huffpost Brasil:

É muito importante ter esse tipo de música porque existem muitas meninas frustradas precisando de uma palavra de conforto. E a mídia e a sociedade reforçam esse padrão e criam pessoas frustradas. Eu já passei por isso. Quando eu era mais nova, me sentia muito mal por ser diferente. Por isso, resolvi escrever músicas que ajudassem outras meninas que sentiam a mesma coisa que eu. Acredito que quando a gente ouve uma música com palavra de conforto, de alguém que te entende, a gente pode se sentir melhor. (CONKA, 2016).

Voltando a música *Marias*:

Dona Maria levanta cedo de segunda a segunda

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Segue acostumada com uma rotina que nunca muda
De joelhos olhos fechados pede pro santo uma ajuda
Que ilumine a cabeça de sua filha caçula
Que sai de saia justa salto alto mini blusa
Se sentindo madura com vergonha da pele escura
Se decepcionando com o reflexo do espelho
E querendo o mesmo visual dourado da modelo

“*Dona Maria levanta cedo de segunda a segunda segue acostumada com uma rotina que nunca muda*” o relato de Dona Maria significando a mulher de casa que sai para trabalhar como doméstica, realidade em que grande parte das mulheres negras faz parte desta categoria. Carneiro aponta um estudo de Márcia Lima sobre Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras. Neste estudo torna-se evidente que:

O fato de 48% das mulheres pretas [...] estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativos. E quando esta barreira social é rompida, ou seja, quando as mulheres negras conseguem investir em educação numa tentativa de mobilidade social, elas se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho¹⁷.

Na faixa *Você não vai*¹⁸ ela afronta os preconceitos vividos na sua vida:

Você me subestima, eu continuo nem aí
Vivo na brisa e o que me incomoda deixa de existir
Se apavora ao ver que cada vez mais posso progredir
Passa, ignora e percebe que não tem pra onde fugir
Vejo você cair, querendo admitir
Que o meu processo apesar de ser lento pode fluir

¹⁷ Márcia Lima, 1995, p. 28.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/karol-conka/voce-nao-vai.html>>

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Herdeira dos meus ancestrais, cultivando a paz, que o verde me traz
Espalho minha mensagem e nada mais

Em entrevistas já citou sobre sofrer preconceitos dentro da escola e não se sentir bonita, se tornando insegura. Em entrevista ela mesma responde se, neste contexto, ela se achava bonita:

Na verdade, não. Achava que eram minha mãe e meu pai falando. Mas chegava no colégio e queria que o menininho me olhasse como ele olhava minhas amigas, e ele não me olhava. Um dia, cheguei da escola e falei pro meu pai: ‘Um menino me chamou de feia. Você fala que eu sou linda, mas eu sou feia. Ele falou que eu sou preta’. Meu pai falou: ‘Não, quem falar que você é feia tem problema.’ Fiquei a vida inteira acreditando nisso, até hoje. Se alguém acha alguma coisa, falo: ‘Sou linda, sou poderosa, sou negra. Ele é que tem problema. (CONKA,2014).

Nascida em Curitiba, uma cidade dita como a “Europa do Brasil”, com uma profunda narrativa histórica que valorizou os imigrantes brancos em detrimento da história regional negra, o preconceito pode ser mais visível que em outras localidades.

Você não vai, é uma música sobre atravessar os preconceitos impostos tanto na sociedade como dentro do RAP, sobre a mulher estar conseguindo falar sobre suas experiências, sobre suas críticas, além de gênero sobre raça e a identidade do negro na sociedade brasileira.

Preparada, eu vou para onde eu quiser
Meto os meus pés na estrada e enfrento o que vier
Justamente por ser mulher, e não ser uma qualquer
Minha atitude carrega vitória
Vou te lembrar disso sempre que eu pude

Se impondo como mulher, neste verso Karol cita uma realidade que vem sendo primordial no RAP desde sua chegada ao Brasil, que obriga que as mulheres, para conseguir espaço nesse meio, tenham que se vestir ou se impor como homens. Com um gestual masculino que representa uma lógica de poder entre a performatividade masculina sobre a feminina. Sobre esta relação de poder,

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

Butler mostra mais sobre a superioridade masculina quando cita sobre o falocentrismo¹⁹:

A heterossexualidade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder/discurso com maneiras frequentemente divergentes de responder às questões centrais do discurso do gênero (BUTLER, 2003 p.10)

Logo cita também:

O esforço de incluir “Outras” culturas como ampliações diversificadas de um falocentrismo global constitui um ato de apropriação que corre o risco de repetir o gesto mito-engrandecedor do falocentrismo, colonizando sob o signo do mesmo, diferenças que, de outro modo, poderiam questionar esse conceito totalizante. (BUTLER, 2003, p.33)

Para ela, a heteronormatividade e o falocentrismo são instituições identitárias compulsórias de poder e discurso pelo qual o gênero se produz reproduzindo-se, isto é, tendo como matriz a heterossexualidade. No caso da nossa análise, o homem como centro do estilo musical RAP, obriga com que as demais mulheres para conseguirem seu lugar reproduzam um certo tipo de masculinidade, onde as mulheres tiveram que se tornar “mulheres vestidas de homens” para poder reproduzir suas músicas e serem respeitadas como artistas do rap.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O feminismo de forma massificada vem crescendo no decorrer das décadas, debates sobre gênero vem ganhando cada mais visibilidade e alterando ideologias de movimento feministas ao decorrer do mundo. Esta influência pode ser vista tanto no campo da cultura pop e suburbana quanto no meio acadêmico.

Com Butler podemos ver que o sexo, assim como o gênero é uma construção cultural, que construído socialmente de forma biológica é naturalizado como sendo um dado fixo não permeado

¹⁹ Convicção baseada na ideia de superioridade masculina, na qual falo representa o valor significativo fundamental.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

pelo meio cultural. Na realidade, submetido a toda gama de subjetividades e experiências históricas diversas o “sujeito mulher” é, na verdade, um sujeito no plural, pela sua vasta diversidade. Neste sentido, no decorrer do trabalho utilizamos o trabalho de Sueli Carneiro para nos aproximarmos dos problemas enfrentados pelas mulheres negras dentro e fora do movimento feminista.

Este artigo não esgota as possibilidades de análise das músicas de Karol Conka, tem como foco reconhecer a importância da mulher negra e a luta recorrente ao feminismo e a identidade racial, tanto dentro do RAP quando na sua vida profissional e pessoal, sua importância na mobilização do feminismo nos dias atuais com a internet é grande, sua representatividade em programas de televisão cresce a cada dia, reconhecendo o passado e traçando novos passos para o futuro, levando a temática dos direitos femininos para um público não necessariamente acadêmico e destacando a luta e o protagonismo de figuras femininas negras e periféricas nas mais diversas arenas da sociedade ao longo da história.

Representante declarada do movimento que fala sobre autoestima e empoderamento feminino, Conka sente nos ombros o peso da obrigação imposta pelo público para que se posicione e seja ativista-cobrança comum aos artistas do RAP, conquistando o público com seu material, acabou tendo o reconhecimento do seu trabalho duro e um espaço merecido em uma época em que a representatividade e a luta pelas identidades estão em alta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lucas. Rappers feministas combatem machismo com suas rimas. São Paulo: *Jornal da USP*, 17 fev 2017. Disponível em: < <https://jornal.usp.br> > acesso em 05 de jun, 2018.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1970.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp 07-60

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Revista Estudos Avançados*, n. 17 (49), 2002, pp. 32-117.
- CONKA, Karol. A minha música funciona como um remédio, diz a rapper Karol Conká. São Paulo: *Folha de S. Paulo*, 21 dez, 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo>> acesso em 02 de Jun. 2018.
- _____. ‘A gente é mais feliz quando se aceita’, diz rapper Karol Conka. São Paulo: *Estadão*, 02 set, 2016. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br>> acesso em 01 de Jun, 2018.
- _____. “Um cara já apontou uma arma pra mim”, diz Karol Conka sobre violência contra mulher. São Paulo: *R7*, 19 jan, 2018. Disponível em: <<http://www.virgula.com.br>> acesso em 02 de Jun, 2018.
- _____. Karol Conka fala sobre racismo, empoderamento da mulher negra e machismo dentro do rap nacional. São Paulo: *HUFFPOST on-line*, 08 mar, 2016. Disponível em: <<https://www.huffpostbrasil.com>> acesso em 03 Jun, 2018.
- _____. Karol Conka: Vou fazer rap e ser mulher. São Paulo: *Revista Fórum*, 14 dez, 2013. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br>> acesso em 3 de jun, 2018.
- DOS SANTOS, Sandra Mara Pereira. “Rap florido”: Reconhecimento Artístico, Amor e Relações de Gênero. Tese de doutorado, Marília: UNESP, 2015.
- FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.
- LIMA, Mércia Ferreira. *Mulheres No Hip-Hop: A Identidade feminina em um movimento juvenil e Artístico-Cultural*. Recife, 18º Redor, 2014.

O GRITO TEM QUE SER POTENTE: Karol Conka e o empoderamento nas composições de RAP feminino paranaense

SANTOS, Jaqueline Sant'ana Martins; BRASIL, Natasha Fernandes Mendes. “*O Grito tem que ser potente*”: O feminismo negro de MC Carol e Karol Conka. Florianópolis, 13º Mundo de mulheres. Disponível em: <<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/>>. Acesso em: 31 de mai. 2017.